

FALANDO SOBRE GENÉTICA E PSICOLOGIA ENTREVISTA COM SALMO RASKIN

Talking about Genetic and Psychology Interview with Salmo Raskin

Por Mariane C. de Mesquita¹

Graduado em medicina e especialista em Pediatria pela Universidade Federal do Paraná, Salmo Raskin fez sua especialização em Genética Molecular (DNA) na Universidade de Vanderbilt, Nashville, Tennessee, EUA. É especialista em Genética Clínica e habilitado em Genética Clínica Molecular pela Sociedade Brasileira de Genética Clínica. Além de ser doutor em Genética pela Universidade Federal do Paraná e atuar como professor na PUCPR e UNICENP no curso de Medicina, leciona no curso de pós-graduação da PUCPR e Faculdade Evangélica do Paraná. É também coordenador do curso de especialização em Genética Humana da PUCPR e médico geneticista em hospitais e consultório. A entrevista a seguir visa a abordar o assunto Genética, principalmente no que diz respeito ao aconselhamento genético e sua interação com a Psicologia, sendo esse um campo em expansão para a atuação do Psicólogo.

Pergunta: O que é e no que consiste o Aconselhamento Genético?

Resposta: Aconselhamento Genético (AG) é um processo de comunicação sobre problemas humanos associados com a ocorrência ou risco de recorrência de uma doença hereditária e/ou genética na família, pelo qual os pacientes e/ou parentes que possuam ou estão em risco de possuir uma doença hereditária são informados sobre as características da condição, a probabilidade ou risco de desenvolvê-la ou transmiti-la e as opções pelas quais pode ser prevenida ou melhorada. Devido a sua complexidade e importância médica, deve ser sempre realizado pelo especialista em Genética Clínica. O Aconselhamento Genético consiste em uma avaliação de um indivíduo ou da família para casos como: confirmar, diagnosticar ou manejar uma condição genética; identificar a melhor conduta terapeuta; calcular e comunicar os riscos genéticos; prover ou organizar apoio psicológico.

Pergunta: Qual o papel do psicólogo neste contexto e como você vê a relação entre a Medicina e a Psicologia?

Resposta: O papel do psicólogo no Aconselhamento Genético é muito importante e no meu entender deveria ser ainda mais. Todos os temas que eu convivo dentro na genética causam impactos psicológicos, seja na pessoa que vem procurar o Aconselhamento, nos familiares, ou no parceiro. Então, o

¹ Acadêmica do sétimo período de Psicologia da PUCPR e bolsista da revista Psicologia Argumento. Endereço para contato: Av. Visconde de Guarapuava, 4487, ap 15. Curitiba-PR. 80240-010 E-mail: mariane.mesquita@yahoo.com.br

papel do psicólogo seria usar suas técnicas para transmitir essas informações, nesse processo de comunicação que é o AG, da maneira mais adequada possível, sentir por parte dos envolvidos a reação provocada por essas informações e tentar elaborar uma estratégia para suavizar esse tipo de informação, que geralmente é muito pesada para as pessoas. Sobre a relação das duas profissões, aqui no Brasil ainda vejo que é uma relação que precisa melhorar muito. Eu acho que houve algumas melhoras nos últimos anos, já que nas décadas passadas tínhamos certas barreiras entre essas duas profissões: médicos não acreditando muito nos psicólogos; psicólogos achando que os médicos são muito prepotentes. Isso ainda existe, mas está diminuindo bastante. E o médico já entendeu que na formação dele, ele não foi habilitado, tanto quanto o psicólogo, para tratar de todos esses assuntos, por exemplo, aqueles os quais nós estamos falando. O psicólogo também está compreendendo que na formação tem certas coisas que são específicas do médico. Então nós estamos vivendo em uma época de transição, onde vamos encontrar qual é o limite de cada uma das profissões. Logo, nós poderemos interagir mais e vejo que isto está próximo de acontecer, e os mais beneficiados serão os pacientes.

Pergunta: O que é mais importante em termos de influências para o ser humano: a natureza ou o meio-ambiente?

Resposta: Essa é uma pergunta clássica que há muito tempo tenta-se responder. Hoje em dia, há uma evolução muito grande, justamente por causa do Projeto Genoma Humano, e a resposta para essa pergunta é que ambos são importantes, ambos interagem ao mesmo tempo no indivíduo. Não é verdade que uma pessoa que nasce com determinado material genético, morre com esse material genético. Mas hoje, sabemos que muitos genes que uma pessoa tem se expressam, ou seja, produzem proteínas, e outros não se expressam. Por que alguns genes se expressam ou não se expressam, existe uma influência do meio-ambiente para selecionar quais genes se expressam e quais não. Por exemplo, temos gêmeos em que um terá esquizofrenia e outro não. Mas se eles têm o mesmo material genético, por que um terá a doença e outro não? Provavelmente é por que certas situações do meio-ambiente em que um passou acabam ativando, ou desativando, deter-

minados genes que no outro gêmeo estão ativados ou desativados, de modo que apesar de termos o material genético igual, desde o primeiro momento da vida até a morte, as proteínas que são produzidas por esses genes se modificam. E a gente acredita então que, durante a própria vida de uma pessoa, essa expressão das proteínas possa mudar e possa propiciar que alguns tenham determinadas doenças psicológicas e outros não. É uma teoria nova e interessante, que precisa ser comprovada ainda, mas que acaba com a polêmica de séculos de o que é mais importante: natureza ou ambiente, e coloca as duas coisas interagindo juntas, com a mesma importância.

Pergunta: No pós-natal, psicólogos e médicos continuam trabalhando em parceria?

Resposta: Sim. Porque o nascimento de uma criança com problemas genéticos ou má-formações sempre irá causar um impacto psicológico, no primeiro momento para os pais e para a família, e eles precisam realmente de um suporte nos momentos iniciais. Depois, eles vão se acostumando e aprendendo a lidar com as situações e tendem a precisar cada vez menos desse apoio. Mas também existem casos em que as pessoas não conseguem ultrapassar as etapas de adaptações iniciais e acabam precisando de apoio psicológico para o resto da vida.

Pergunta: Qual é o papel da estimulação precoce?

Resposta: É um papel fundamental, já que infelizmente nós não temos como corrigir o material genético das pessoas na grande maioria das doenças. Um exemplo clássico é a Síndrome de Down, onde a criança nasce com aquela alteração cromossômica. Do ponto de vista genético, nós não temos mais muito o que fazer por ela, mas temos muito o que fazer no ponto de vista ambiental. A estimulação precoce é o próprio remédio. Eu costumo dizer para os pais de crianças com Síndrome de Down que o remédio para elas não é dado pela boca, e sim pela estimulação precoce. E o papel do psicólogo nessa etapa, obviamente, é fundamental.

Pergunta: Como se deu a sua participação no Projeto Genoma Humano?

Resposta: Eu tive a sorte de quando eu fui para o exterior fazer meu treinamento em ge-

nética, foi justamente em 1990, quando o Projeto Genoma Humano estava começando. Eu estava em uma universidade que foi chamada para fazer parte do projeto, então entrei de “carona” e acabei sendo o primeiro brasileiro a fazer parte do Projeto Genoma Humano. O meu papel inicial foi tentar descobrir um gen, dos 23 mil genes que hoje nós sabemos que existe, o qual é responsável em controlar a produção de três hormônios: hormônio do crescimento, hormônio estimulante da tireóide e a prolactina. Eu trabalhei durante dois anos com algumas famílias que tinham essa rara doença da falta desses hormônios e consegui descobrir, então, um dos 23 mil genes. A partir daí meu nome foi oficializado no Projeto Genoma Humano e de lá para cá tenho trabalhado com as mais diversas doenças genéticas.

Pergunta: Como o Projeto Genoma humano e a descoberta de doenças gênicas podem ter revolucionado a Psicologia?

Resposta: Acho que causou um impacto muito grande na psicologia. Acho até que os psicólogos, na sua maioria, ainda não conseguiram compreender e absorver o impacto que isso vai ter. Doenças que não entendemos exatamente quanto têm de componente genético e de componente ambiental, dentro de poucos anos essa pergunta, que ainda é uma dúvida, estará esclarecida. Um exemplo que eu costumo sempre dar é da esquizofrenia, que a gente sabe que existe um componente genético importante, não sabe exatamente nem quanto de genético tem na causa da esquizofrenia, muito menos quais são os genes que estão alterados. Em cinco anos, a gente vai saber tudo isso. Nós vamos poder ter, então, indivíduos que vão poder ser tratados por nós, porque têm pré-disposição a ter esquizofrenia, ou pré-disposição a ter depressão, ou autismo. E aí então a psicologia provavelmente será muito mais eficiente, quando ela estiver lidando com indivíduos de alto-risco separados daqueles de baixo-risco. O impacto será muito grande.

Pergunta: Qual o impacto psicológico, para indivíduo, família e sociedade, de notícias de doenças que irão se desenvolver no futuro?

Resposta: Isso gera uma insegurança muito grande nas pessoas. Isso porque ter a informação de que você terá uma determinada doença no futuro é algo muito novo e nós não estamos

acostumados com isso. Toda a medicina ocidental é baseada em sinais e sintomas da doença, daí você procura um médico e o médico vai então tentar tratar aquilo que já está praticamente estabelecido. Então, trata-se de um novo paradigma, que é podermos tratar o indivíduo sem que ele tenha a doença, porque sabemos que ele tem a propensão, e às vezes é uma propensão grande a desenvolver determinada doença. Talvez em termos de indivíduo, de família e da própria sociedade, é uma novidade para a qual nós não estamos adaptados. Estamos aprendendo, então, a lidar com esse tipo de situação.

Pergunta: Quais as possibilidades de formação para um psicólogo que queira atuar na área da genética e o que existe para consulta *on-line* sobre o assunto?

Resposta: Eu acho que é um campo enorme e maravilhoso para o psicólogo aqui no Brasil. Podemos contar nos dedos da mão quais são os psicólogos que se especializaram em genética no Brasil. E com um campo enorme, como esse que falei, os psicólogos têm a oportunidade de fazer uma especialização, um mestrado, um doutorado em genética, e juntar tudo aquilo que já aprenderam no seu curso de psicologia com o que falta aprender ainda com uma pós-graduação em genética. Quando tivermos esse perfil de profissional no mercado brasileiro: psicólogo com forte formação em genética, essa pessoa irá destacar-se a nível nacional com uma enorme facilidade. Então, eu acho que o psicólogo tem que ficar alerta para esse campo, ainda mais sabendo que outras áreas da psicologia estão bastante congestionadas e essa é uma área praticamente virgem. E o desafio é diferente, é criar o mercado de trabalho, o que considero mais interessante do que ter que concorrer com centenas de outros psicólogos, tão qualificados quanto. Existe uma interação cada vez maior ao nível mundial, inclusive nos países desenvolvidos já existem revistas científicas específicas para publicações que envolvam psicologia e genética, como, por exemplo, a *Behaviour Genetics*, que pode ser consultada no site <<http://www.springer.com>>. Também existem sites internacionais dedicados, como, por exemplo, <<http://www.apa.org/science/genetics/homepage.html>> e muitas associações internacionais, como <<http://www.bga.org>> e <<http://www.ibangs.org>>.